

Lula é 21º em ranking de presidentes

Crescimento do PIB fica abaixo da média histórica, mas acima da era FH

Editoria de Arte

Henrique Gomes Batista

• A queda de 0,2% do Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços no país) em 2009 jogou para baixo a média de crescimento da economia no mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo estudo do economista Reinaldo Gonçalves, professor da UFRJ, nos últimos sete anos o país registrou expansão média de 3,55% ao ano. O valor fica abaixo da média de crescimento da economia do período republicano, de 4,55%, e coloca o atual governo na 21ª posição em ranking de 29 presidentes.

Entretanto, o resultado é melhor que obtido pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, que registrou crescimento médio de 2,29% em seus oito anos, que o coloca como 26º presidente no ranking do crescimento. Na comparação dos sete primeiros anos de mandato, o governo de Fernando Henrique é ligeiramente pior: média de 2,25%. Mas nem mesmo essa situação pode ser comemorada, segundo o autor do estudo.

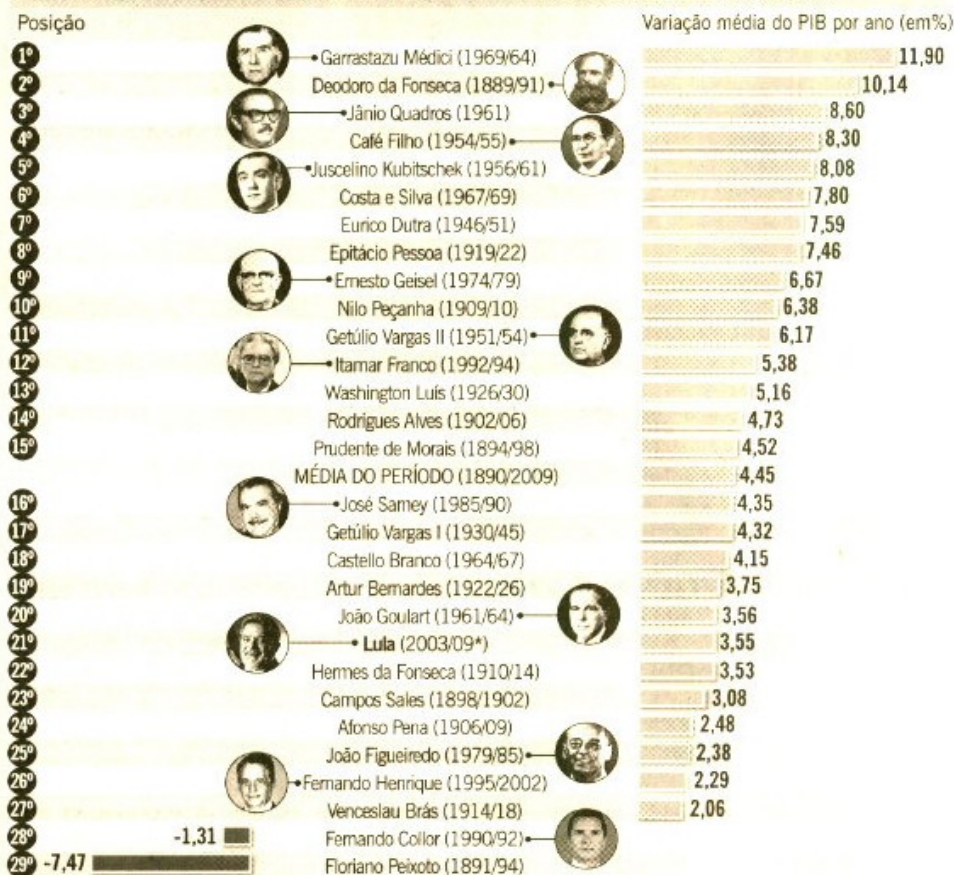
Em sua opinião, os dois governos apresentam resultados medíocres, tanto quando se compara com a média histórica do país como na comparação com o resto do mundo:

— O Brasil vem sistematicamente perdendo participação na economia mundial.

Nos últimos 20 anos, a economia brasileira cresceu menos que a mundial em 12 ocasiões. Nas oito vitórias, a diferença foi pequena, insuficiente para fazer frente ao déficit acumulado, e está concentrada no período recente: desde 2006, o Brasil apresenta resultado melhor que a média mundial.

CRESCIMENTO DA ECONOMIA POR PRESIDENTE

VEJA A MÉDIA ANUAL DE CADA MANDATO PRESIDENCIAL NO BRASIL REPÚBLICA



*Os dados de 2010 só serão conhecidos no primeiro trimestre de 2011.
FONTE: Economista Reinaldo Gonçalves

— Muito se discute se há incompetência dos governos, políticas equivocadas ou modelo errado. Para mim, infelizmente, é um caso de politraumatismo: além de erros de política e de gestão, o modelo adotado não é o ideal, por ter investimentos reduzidos e baixíssima taxa de inovação e criação de

ciência, nos colocando, cada vez mais, como exportadores de commodities — disse.

Na lista elaborada pelo professor, a liderança cabe ao governo de Garrastazu Médici, que apresentou taxa de crescimento médio anual de 11,9%, seguido de Deodoro da Fonseca, com alta de 10,14%. Jus-

celino Kubitschek está em quinto, com crescimento médio de 8,08%. Na lanterna, Floriano Peixoto (recessão anual média de 7,47%) e Fernando Collor (queda anual de 1,31%). ■

• EVITAR QUEDA MAIOR DO PIB CUSTOU R\$ 280 BL, na página 30

Brasil cresce menos que os vizinhos entre 2003 e 2008

Mas alta foi constante e com inflação em queda

• O Brasil foi um dos países que apresentou menor crescimento do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos no país em um ano) na América Latina entre 2003 e 2008. Enquanto a economia doméstica avançou 27,41% no período, a Argentina cresceu 63,58%, o Panamá expandiu 61,68% e o PIB do Uruguai subiu 52,71%, segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal). Com avanço inferior ao do brasileiro, aparecem México (19,80%) e economias bem menores, como Guatemala e Nicarágua.

Os fracos resultados de 2009, confirmados no Brasil e esperados por todos os países da região, não devem alterar o ranking. Nenhum país da região divulgou ainda os dados do ano passado, exceto Peru, que cresceu 0,9%, e Chile, que teve retração de 1,7%.

Para especialistas, isso demonstra que a região é heterogênea, embora, de forma geral, o período possa ser considerado bom para os latinos. Ainda mais se comparado com os anos 80 e 90, quando diversas nações viviam problemas fiscais e cambiais. No entanto, crescimento relativamente menor não significa, necessariamente, que a situação é pior do que a de países que avançam muito.

— Para a Argentina, é mais fácil liderar este período de crescimento, pois ela vinha de uma crise forte. Nos quatro

anos anteriores o PIB encolhera cerca de 20%. O forte crescimento não necessariamente traz investimentos. Para o investidor é melhor um crescimento menor e mais constante — afirma o presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), Luís Afonso Lima.

Ele lembra que muitos dos países que tiveram expansão maior que a do Brasil, como Uruguai e Venezuela, se beneficiaram da alta nos preços das *commodities* agrícolas e do petróleo. Por outro lado, nações como o México pagaram a conta por serem muito dependentes dos EUA.

Luiz Carlos Prado, professor da UFRJ, concorda que crescimento elevado não é garantia de economias mais sólidas.

— O Brasil cresceu com uma inflação decadente e com valorização na taxa de câmbio. Na Argentina, foi exatamente o inverso — disse.

Para Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o mais importante não é analisar os dados do passado e compará-los com países tão diferentes, e sim ver as perspectivas do Brasil, que são muito boas:

— O resultado de 2009 foi um hiato. Já em 2010 devemos retomar a trajetória de crescimento do PIB acima de 5% ao ano. (*Henrique Gomes Batista*)

MERVAL PEREIRA

Comparações



• O presidente Lula alardeia sempre que pode que quer fazer uma campanha sucessória plebiscitária, na qual o povo poderá escolher entre "eles" e "nós", referindo-se ao seu antecessor, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Mas, se a análise histórica for menos imediatista, o seu mandato até o momento sai-se muito mal na foto no que se refere ao crescimento do PIB, a despeito do alto conceito que Lula tem a respeito de si próprio e de seu governo.

O professor titular de economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Reinaldo Gonçalves fez um estudo sobre a evolução da renda no Brasil segundo o mandato presidencial, mostrando a performance da economia brasileira em 120 anos de História da República (1890 a 2009), com comparações não apenas a nível interno, entre os períodos, como também em relação à participação na economia mundial.

Em ambos os critérios, o governo Lula pode ser considerado medíocre. A taxa média de crescimento real do PIB brasileiro é, nesse período, de 4,5%, e a taxa do governo Lula é de 3,6%, ficando em 21º lugar entre 29 governos.

Mesmo que em relação ao governo de seu arquiadversário o crescimento tenha melhorado — o governo Fernando Henrique teve uma média de crescimento do PIB de 2,29% —, a participação média do

PIB do Brasil no PIB mundial caiu de 2,93% no governo FHC para 2,74% no governo Lula.

Segundo o trabalho do professor Reinaldo Gonçalves, no conjunto de 29 mandatos, o governo Lula (2003-09) tem até o momento a nona taxa mais baixa de crescimento econômico.

O fraco desempenho do governo Lula implica que o país precisaria de 20 anos para duplicar o seu PIB, quando a taxa secular é de duplicação do PIB em 16 anos.

No período 1890-2009, a economia mundial cresceu à taxa média anual de 3,14%, o que significa que, ao longo do período analisado, o Brasil tem conseguido avançar no processo de desenvolvimento econômico, com tendência de crescente participação na economia mundial.

Entretanto, Gonçalves ressalta que este processo somente começou nos anos 1920 devido ao fraco desempenho e à instabilidade da economia brasileira no período que vai da proclamação da República até o pós-Primeira Grande Guerra. O "salto quântico" de desenvolvimento, de acordo com o professor, é dado pelo presidente Getúlio Vargas no entreguerras.

"No período de praticamente meio século que vai de 1930 até 1979, a economia brasileira apresenta taxas de crescimento econômico de longo prazo significativamente elevadas", destaca Reinaldo Gonçalves.

De fato, o país já teve períodos de crescimento de níveis asiáticos: de 1950 a 1959, média de 7,15%; de 1960 a 1969, média de 6,12%; e de 1970 a 1979, de 8,78%.

O maior crescimento do PIB foi de 13,97% em 1973, no auge do "milagre econômico", mas taxas de dois dígitos são exceções, aconteceram somente em seis anos.

O resultado, afirma Reinaldo Gonçalves, é que a participação do país no PIB mundial aumentou de menos de 1% no final dos anos 1920 para 3,6% em 1980.

Nos últimos 30 anos, no entanto, a economia brasileira tem tido um desempenho relativamente fraco em comparação com o conjunto da economia mundial e, principalmente, com o subconjunto de países em desenvolvimento. De 1990 a 2003, o crescimento médio foi de 1,8%; de 80 a 2003, 2%.

Restringindo a análise ao primeiro conjunto, Reinaldo Gonçalves observa "clara tendência" de queda da participação brasileira no PIB mundial a partir de 1980.

Em 2002, esta participação era de 2,81% e, em 2009, era de 2,79%, "próxima daquela observada quase quarenta anos antes, no início dos anos 1970, ressalta Reinaldo Gonçalves.

Na análise do professor de economia da UFRJ, o governo Luiz Inácio Lula da Silva se beneficiou de uma conjuntura extraordinária-

mente favorável no período de 2003 até meados de 2008, mas o fato é que a crise global teve forte impacto sobre a economia brasileira (queda do PIB de 0,2% em 2009 anunciada ontem), em que pese o discurso do governo "completamente descolado da realidade".

Gonçalves tem uma visão crítica da atuação do governo na crise, atribuindo o PIB negativo a "erros de política de ajuste", como a instabilidade e o nível da taxa de câmbio, nível da taxa de juros e regressividade do estímulo fiscal.

"Ao fim e ao cabo, a evidência mostra que o desempenho da economia brasileira no período 2003-09 é medíocre pelos padrões históricos brasileiros e pelos padrões internacionais", sintetiza.

O professor ressalta que no governo Lula "continua ocorrendo o processo de perda de posição relativa do país na economia mundial".

Comparativamente ao final do governo Fernando Henrique Cardoso, na opinião de Gonçalves, o governo Lula tem desempenho "igualmente medíocre".

Em 2002, último ano do segundo mandato de Fernando Henrique, a participação do Brasil no PIB mundial foi de 2,81%, e, em 2009, a participação brasileira ficou em 2,79%.

O professor Reinaldo Gonçalves atribui à "similaridade de modelos de desenvolvimento e de políticas econômicas" o fraco desempenho dos governos FHC e Lula.

Mantega prevê alta do PIB acima de 5,7% neste ano

**Otimismo do ministro da
Fazenda é compartilhado
pelo presidente do Banco
Central, Henrique Meirelles**

Puxado pelo aumento do consumo interno, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil registrou leve queda em 2009, de 0,2%. Guido Mantega, ministro da Fazenda, mostrou-se entusiasmado, principalmente com o crescimento de 2% no último trimestre de 2009. Diante do que aconteceu com a economia de outros países, o resultado pode ser considerado bom. — P4



A retomada dos investimentos e um possível aumento da taxa de juros preocupam o BNDES.



Famílias evitam tombo maior do PIB em 2009

Agora empresas retomam investimentos. Infraestrutura tem R\$ 274 bilhões anunciados para os próximos 4 anos

Daniel Haidar
dhaidar@brasileconomico.com.br

Poderia ter sido pior, mas a economia brasileira andou de lado em 2009. O Produto Interno Bruto (PIB), caiu 0,2% no ano passado, se comparado com o bom desempenho de 2008, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Só que, diante da quebra internacional, até que o país se saiu bem. O bom desempenho do PIB, de R\$ 3,1 trilhões, é reconhecido até pelo mais pessimista analista de mercado.

Como as empresas travaram investimentos, em alguns casos, para não quebrar, e isso resultou em uma queda de 10% na formação bruta de capital fixo, e o mercado externo se retraiu, a saída da crise coube exclusivamente ao consumidor brasileiro. Foi o consumo das famílias que evitou mais demissões, mais falências e um tombo mais grave para todo o Brasil.

Em parte isso se deve aos incentivos fiscais à compra de bens de consumo duráveis, como carros e eletrodomésticos da linha branca, e a um aumento de 3,3% da massa salarial real, em um ano que muitos temiam que terminasse sem emprego. Responsáveis por quase R\$ 2 trilhões de gastos, as famílias consumiram 4,1% a mais do que fizeram em 2008.

Os investimentos caíram pela primeira vez desde 2003. A indústria foi o setor mais impactado pela crise, porque sofreu perda de 5,5% na comparação com o resultado de 2008. A agropecuária também apresentou tombo expressivo, de 5,2%, ante o mesmo período.

Mas agora a perspectiva para 2010 é positiva, com a retomada de investimentos e o consumo interno aquecido, na avaliação de especialistas. No quarto trimestre de 2009, a formação bruta de capital fixo cresceu 6,6% em relação ao trimestre anterior, bem acima do crescimento de 2% do PIB no mesmo período, o que mostra uma recuperação. “Estamos certamente retomando os investimentos, mas ainda não vamos chegar ao nível de propor-

ção ao PIB necessário para crescer rápido. Devemos chegar perto de 19% ao fim de 2010”, afirma o economista Regis Bonelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro.

O ano de 2009 acabou com uma taxa de investimento de 16,7%, a menor proporção desde 2006. Mas a crise afetou menos o Brasil do que a maioria dos países desenvolvidos. O PIB dos Estados Unidos caiu 2,4%, da União Europeia, 4,1% e da Rússia, 7,9%.

O mercado tem, no entanto, que, com a alta do consumo e inflação volte a desestabilizar a economia. Na opinião de Armando Castelar Pinheiro, analista da Gávea Investimentos, a taxa de investimento do país precisa chegar a um patamar acima de 20% para sustentar o crescimento da demanda interna. “É um crescimento muito alto para capacidade de produção e teria pressão sobre inflação e contas externas”, diz Pinheiro, que é também professor da UFRJ.

A boa notícia é que a expansão da capacidade produtiva começa a se concretizar. Uma amostra do patamar de investimentos foi colhida pelo Depar-

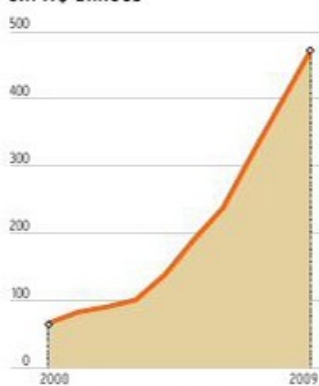
tamento de Pesquisa do banco Bradesco, que detectou mais de R\$ 96,8 bilhões de investimentos anunciados por empresas em janeiro e fevereiro, a serem concretizados nos próximos anos. Só a Vale vai investir R\$ 9,4 bilhões, para a implementação da Mina de Apolo em Minas Gerais.

Outro valioso termômetro é o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Segundo pesquisa feita pelo banco com clientes, o montante de investimentos previsto só para projetos de infraestrutura entre 2010 e 2013 chega a R\$ 274 bilhões, uma alta de 37,3% na comparação 2005 a 2008. “Estamos vendo um forte crescimento do investimento puxado pelo dinamismo do mercado interno. Há grande demanda por máquinas e equipamentos nos setores de bebidas, alimentos e automobilístico”, diz Fernando Puga, chefe do departamento de pesquisa econômica do BNDES. ■

Os investimentos caíram pela primeira vez desde 2003, e a indústria foi a que recebeu o maior impacto, com perda de 5,5% no valor adicionado por sua produção

CRÉDITO*

Saldo em fim de período, em R\$ bilhões



Fontes: Banco Central e Brasil Econômico
*Empréstimos do sistema financeiro às pessoas físicas com recursos livres

TEMORES

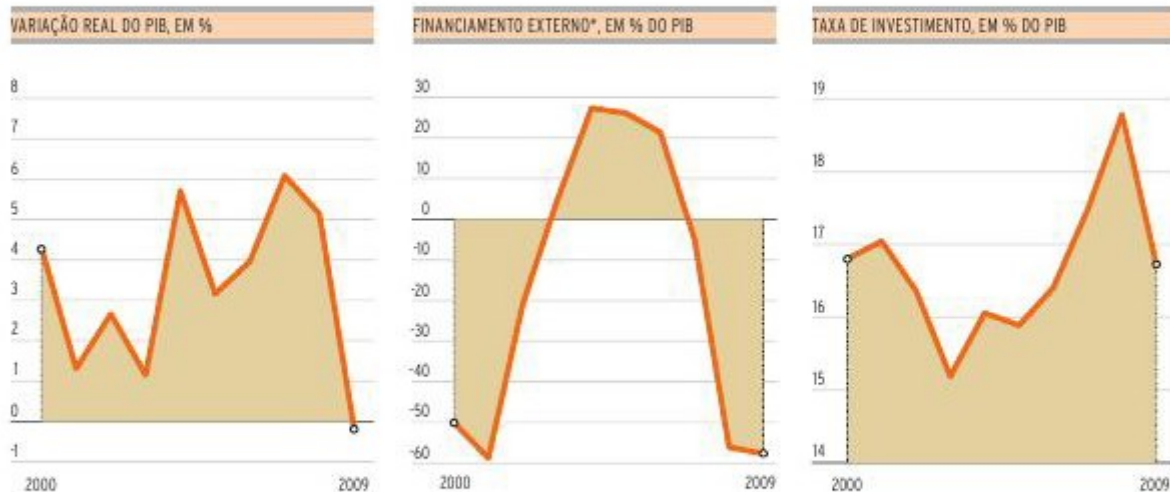
Dependência externa e consumo preocupam

Embora o ritmo de crescimento do consumo doméstico tenha sido um dos motivos que evitaram um desempenho mais desastroso da economia em 2009, o ritmo elevado de expansão preocupa analistas. Já a reduzida taxa de poupança bruta brasileira, equivalente a 14,6% do PIB em 2009, aumentou a necessidade de financiamento externo para impulsionar o crescimento. O Brasil depende cada vez mais dos estrangeiros para financiar seus investimentos. A economia brasileira foi financiada em R\$ 57,7 bilhões pelo mercado externo no ano passado, com empréstimos e investimentos, segundo o IBGE. Foi o maior aporte desde 2001. Por outro lado, o consumo doméstico não para de crescer. É impulsionado tanto pelas famílias

quanto pelo governo. Mesmo com o aumento recente dos depósitos compulsórios do Banco Central, que deve enxugar o crédito, e o fim dos incentivos fiscais aos bens de consumo duráveis a partir de junho, o crescimento do mercado interno deve superar a capacidade produtiva do país. Esse é o motivo da preocupação. O consenso entre os analistas de mercado é que o governo deve começar a subir o juro da taxa Selic a partir de abril ou junho. "Ou reduz o consumo do governo ou tem que subir os juros, tem que desacelerar. A tendência, pela história do Brasil, é subir os juros. É difícil imaginar que o governo reduza o gasto dele em ano eleitoral", diz Armando Castelar Pinheiro, analista da Gávea Investimentos. **D.H.**

CONTAS NACIONAIS

A queda dos investimentos em 2009 foi o que mais afetou a economia



A necessidade de financiamento externo cresceu acentuadamente nos últimos anos e isso teve reflexos no avanço do PIB. O nível de investimento precisa retomar os patamares anteriores

*Positivo=capacidade; negativo=necessidade Fontes: IBGE e Brasil Econômico

O ministro Mantega entusiasmou-se com o desempenho da economia, principalmente da alta de 2% do último trimestre de 2009

